

A Organização do Trabalho

Joseph Déjacque

1860

A Civilização e, antes disso, uma barbaria, o [Patriarcado], as selvagens sempre consideraram o trabalho como uma punição. A ideia antiga e moderna tornou uma punição; os sacerdotes, os oráculos do altar e do templo, em nome do Deus que trovejava e da terrível Igreja; os machos, os pais, os guerreiros, os legisladores, todos os líderes de casais, de famílias, de hordas, de nações, vagabundos sedentários, em nome da sociedade de que eram soberanos, isto é, para dizer o membro mais forte, o mais temido.

No berço da Humanidade, quando o seio da Terra começou a secar e o homem foi expulso pela escassez e fome da comunidade primitiva; no final deste éden anárquico que primeiro acolheu com carícias seus primeiros movimentos, e onde depois os frutos não caíram mais maduros do ramo da árvore em sua mão, como o leite da mãe na boca da criança; Neste doloroso momento do desmame precoce, e enquanto a inteligência humana ainda perambulava em seu invólucro grosseiro e tateava seu destino na cegueira da ignorância, é concebível que a primeira organização do trabalho, reação da ideia de preservação individual na ideia de comunhão fraterna, era inevitavelmente uma organização autoritária, a escravidão dos mais fracos ou menos desenvolvidos em benefício dos mais fortes ou mais exercitados. Quando o homem acorrentou os animais, o homem acorrentou o homem; Um bando de cabeças humanas foi feito, como se tivesse sido feito de cabeças de chifres ou [ganchos], e de animais de carga um rebanho doméstico. Sua mente inexperiente e dominada pela raiva da natureza, que lhe dava o perigoso espetáculo dos elementos em luta, rasgando e esmagando uns aos outros; sua compreensão, assim desprovida de materiais, do conhecimento que possuímos hoje, só poderia compreender os ensinamentos da força brutal; ele destacou em sua espécie e de homem para homem a violência que ele viu praticando entre diferentes espécies, de ovelhas a ovelhas, por exemplo, e de ovelhas a uma folha de grama.

Esta tarefa original, a organização do trabalho manteve até hoje. Atualmente, o trabalho é a escravidão organizada.

No entanto, a ideia funciona; ela não volta mais seu olhar para uma era anterior de laboriosidade, que pode muito bem ter sido o delicioso Éden da Humanidade na infância, mas que nada mais seria do que uma dolorosa permanência para a humanidade. O éden anárquico para o qual caminhamos está diante de nós e não mais para trás; não é povoada por atividades estupefacientes, mas sedutoras. Para o horror do trabalho conseguiu o pensamento de trabalho atraente. Sim! A ideia contemporânea, uma negação da ideia antiga e moderna, não só não considera o trabalho como pena ou castigo, mas também afirma que é um prazer e que não há prazer somente através dele. Direito ao trabalho! Dizem os proletários dos tempos atuais; e eles lutam para produzir – com a condição de que este trabalho não seja trabalho forçado, mas trabalho livre, e que a distribuição gratuita de produtos substitua a especulação arbitrária do explorador. Trabalhar de acordo com a fórmula dos tempos passados era sofrer; trabalhar, segundo a fórmula de hoje, é aproveitar: o velho mundo é derrubado! O dia em que o dedo da ideia, flamejando à festa de brutos da sociedade burguesa, traçou em impressão e sob os olhos dos civilizados esta inscrição paradoxal: o trabalho atraente! Naquele dia a revolução trabalhista foi decretada em princípio; está contido neste germe como o carvalho está contido na glândula: o princípio colocado produzirá suas consequências.

Se Fourier, esse grande homem, tivera tanta mesquinhez; se ele quisesse tanto acariciar o bode e o repolho, o explorado e o explorador, a Autoridade e a Liberdade; se ele não quisesse casar Deus com o diabo, o rico com o pobre, o lobo com o cordeiro; se ele entendeu que o bem não se funde com o mal, que a verdade não se funde com o erro, que há incompatibilidade e subversibilidade entre eles; se em vez de especular quase exclusivamente sobre os vícios dos ricos, sobre suas más inclinações, sobre seus desvios dos caminhos da natureza, e para construir em seus troncos do falanstério a todos esses pequenos potentados, ele estava um pouco mais preocupado com a massa do povo, sua força passional, suas propriedades ou virtudes mentais, suas inclinações para a inteligência, seus instintos revolucionários; se ele tivesse sido mais fraterno, mais igualitário, mais libertário, e que, em vez de coroar reis em todos os seus grupos e todas as suas séries, ele teria decapitado eles por raciocínio, essa decapitação, longe de impedir a harmonia, foi, pelo contrário, a única maneira de trazê-la à existência e se desenvolver, suprimindo todas as discórdias. Mas não, possuidor de uma grande ideia, ele recorreu a pequenos meios para fazê-la aceitar o vulgar. Não há cajolarias tolas, avanços ridículos, que ele fez para os capitalistas sem coração, para artistas e poetas sem cérebro, para todos os talentos improdutivos das chamadas profissões liberais. E os pobres, todos aqueles que produzem e não consomem, os deserdados

dos prazeres deste mundo, os ciganos do trabalho, os fora-da-lei, os proletários, reduzidos a curvarem-se diante da onipotência de mil e um monarcas, a se submeterem a mão como mendigos, para receber do empregador ocioso ou necessitado um salário abominável, os pobres enfim, vivos, pisoteados e esmagados pelo calcanhar das honrarias e pela roda da fortuna, tendo visto, nessa encenação hierárquica, essa intriga capital-trabalho-talento, nada mais que uma mudança de escravidão, deixe suas cabeças caírem sobre seus peitos enquanto aguarda um apelo mais direto à Revolução.

48 chegou. Nós falamos sobre economia social, associação. O proletariado foi transferido; ele certamente tinha o desejo de se libertar, mas não tinha conhecimento disso; e as associações de trabalhadores, que ocorreram na época, eram apenas um decalque das associações burguesas, comércios ou empresas industriais dos patrões: agitavam os trabalhadores, não revolucionavam o Trabalho.

Considerado separadamente, Proudhon e Fourier estão errados; a organização do trabalho que cada um deles traduziu no dia é o erro. Juntos, e podando de suas duas concepções todas as reminiscências do passado, cortando, aparando muito de um lado, ainda mais do outro, e acrescentando um pouco, isto é, enxertando todos uma ideia homogênea e regenerativa, seria possível, então, tornar esses sistemas ainda selvagens uma organização de trabalho mais no destino do homem, para transformar o horrível amargor da fruta virgem no sabor adocicado do fruto cultivado.

O sistema de Proudhon tende a suprimir toda autoridade, toda supremacia artificial, para nivelar todos os trabalhadores, iguais mas diversos, sob a influência da anarquia livre e fértil. Cada um é seu legislador e seu Deus; ele troca com quem deseja e da maneira como agrada seus produtos, agricultura, indústria, artes, ciências, amor, amizade, filosofia, tudo o que sai de seu coração, seu cérebro, sua mão. Esta é a tendência, eu disse, e é certamente boa. Mas a tendência não é suficiente; é necessário que todos os detalhes convergem para o objetivo, que a letra é o corolário do espírito. E os detalhes descrevem muitas curvas em direções opostas, e a letra está muitas vezes em contradição com o pensamento elementar, de modo que, na realidade, é antes a restauração da destruição da velha ordem das coisas. As revoluções da Sociedade são conservações da Sociedade, mas não as conservações da Civilização que têm a missão de aniquilar sob pena de não serem revoluções. Proudhon é tanto um conservador, no mau sentido da palavra, quanto um revolucionário no bem.

O sistema de Fourier tende a remover os obstáculos à produção, a elevar os trabalhadores ao mais alto grau de riqueza, a introduzi-los a novos e incontáveis prazeres, a fundar a era do prazer produtivo, do trabalho atraente, a abolir família pequena e humanicida e fazer de toda a Humanidade uma família única e humanitária. Mas isso também é uma tendência. Ao lado do espírito vivificante está a letra que mata; em Fourier, como em Proudhon, a ideia reacionária contorna a ideia revolucionária; o velho ainda está meio no novo homem. Saint-Simon, o iniciador, considerou a lei da atração humana do ponto de vista de um grande senhor; se ele tivesse formulado a teoria, teria voluntariamente feito uma monarquia de direito divino, uma teocracia universal. Fourier, o iniciado, viu-o como um burguês e transformou-o numa monarquia constitucional, uma oligarquia voltairiana, e ambos abordaram essa grande descoberta apenas com seus preconceitos autoritários, como um grande senhor e um burguês, como eu disse, e não como um proletário, eles também não entenderam, Fourier anuncia Harmonia; ele tropeça alto contra a civilização; ele parece até estar pegando; mas ele a revoluciona, isto é, ele a CONSERVA; mas, ai de mim! Não REVOLUCIONE a sociedade. Tomado literalmente, o falanstério é sempre o feudalismo burguês, o governo de grandes números pelos pequenos, a exploração do homem pelo homem, a civilização, toda a civilização e nada mais que a civilização.

Atualmente, o capital morre e nada pode salvá-lo; Não pode ser nada, mas nada. O trabalho quer ser tudo e será. O trabalho é o homem; quem trabalha vive, quem caduca morre. No trabalho todos os direitos, e sozinhos todos os direitos. – Mas o que esse terceiro termo da trindade falansteriana significa para nós, esse intruso do fim como Capital é o intruso do começo, o talento? Se ele é o trabalho, por que essa máscara? E se não é trabalho, o que é isso? Um ladrão? O artista ou o trabalhador, o pintor, a estatuária, quem faz uma pintura, uma estátua não funciona? Ele pode mostrar talento sem trabalho? – O trabalhador ou o artista, o carpinteiro, o serralheiro que faz uma porta ou o ferro não têm talento? Ele pode trabalhar sem mostrar talento? O que significa essa distinção arbitrária entre talento e trabalho? – Eu não sei; a menos que por talento entendamos, como na civilização, o trabalho de explorar sem produzir, e pelo trabalho, o talento de produzir nos explorados. Mais exploração! Não

mais bocas parasitas! não há mais braços estéreis! Qualquer talento que não produza é indigno de viver: Lugar para o Trabalho!

No entanto, alguém seria enganado se acreditasse que na sociedade como está organizada, basta fazer com que o chefe desapareça para que o trabalhador retire do trabalho uma soma muito maior de bem-estar. Ao nos limitarmos a essa supressão, acabaríamos apenas com uma melhora insignificante. Os lucros auferidos pelo empregador, uma soma grande para um, seriam muito pouco, divididos entre todos, e dificilmente mudariam a posição do trabalhador na relação material; seria sempre miséria física. – Que amanhã o escravo negro vai libertar-se do plantador, ele será livre? Ai! Não; ele cairá novamente, como um proletário, sob um novo chicote e um novo mestre; ele terá mudado suas correntes para os outros um pouco menos pesado, isso é tudo. Seria o mesmo para o escravo branco se ele se libertasse do chefe sem socializar o trabalho; ele teria apenas alongado um pouco a corrente. A melhoria seria mais sensível na relação moral: o trabalhador não estaria livre ainda, mas seria seu mestre; Seu amor social não seria satisfeito, mas seu ódio seria. O trono da exploração burguesa assim queimada, permaneceria sempre a coisa pública do trabalho a ser organizado, a Revolução do Trabalho a ser realizada. Os tronos queimados são restaurados quando os reis são demolidos apenas pelos emblemas, não pelas instituições.

Proletariado, é aí, para a organização do trabalho, que a reação-monstro está esperando por você para devorar você de novo e de novo, se você não sabe como decifrar o enigma.

Biblioteca Anarquista



Joseph Déjacque
A Organização do Trabalho
1860

Titulo Original: *L'organisation du travail*. Tradução e Revisão por André Tunes @Nucleo de
Estudos Autonomo Anarco Comunista.

Ela não possui direitos autorais pode e deve ser reproduzida no todo ou em parte, além de ser liberada
a sua distribuição, preservando seu conteúdo e o nome do autor.

bibliotecaanarquista.org